

ARQUITETURA E CULTURA: A INFLUÊNCIA DA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DE CENTROS CULTURAIS NA INTERAÇÃO COMUNITÁRIA E NO FORTALECIMENTO CULTURAL

ARCHITECTURE AND CULTURE: THE INFLUENCE OF THE SPATIAL CONFIGURATION OF CULTURAL CENTERS ON COMMUNITY INTERACTION AND CULTURAL STRENGTHENING

ARQUITECTURA Y CULTURA: LA INFLUENCIA DE LA CONFIGURACIÓN ESPACIAL DE LOS CENTROS CULTURALES EN LA INTERACCIÓN COMUNITARIA Y EL FORTALECIMIENTO CULTURAL

Vanessa Paiva Ribeiro¹
Philipe do Prado Santos²

RESUMO: O espaço construído impacta diretamente no comportamento humano, seja de forma positiva ou negativa, e dessa forma a arquitetura surge como mediadora criando espaços convidativos, acessíveis e confortáveis. Quando esses espaços são projetados usando como referência a cultural local, contribui para a valorização das tradições da comunidade, criando um vínculo dos indivíduos com o espaço sociocultural, gerando o desejo de permanecer e usufruir desses ambientes. Essa pesquisa parte da análise da cultura como elemento essencial da identidade social e da arquitetura como mediadora das relações coletivas e o objetivo geral é compreender de que forma a organização espacial pode estimular o uso, a permanência e a apropriação desses ambientes pela comunidade. Para tanto, adotou-se como método a pesquisa aplicada, de caráter exploratório, com abordagem qualitativa e fundamentação bibliográfica em autores nacionais e internacionais. Os resultados apontam que soluções arquitetônicas que favorecem acessibilidade, flexibilidade, conforto e integração urbana fortalecem o sentimento de pertencimento e ampliam a participação social. Conclui-se que centros culturais bem planejados são instrumentos de democratização do acesso à cultura, devendo ser pensados como espaços de inclusão e memória coletiva, além de agentes transformadores no contexto urbano.

2132

Palavras-chave: Identidade Cultural. Pertencimento. Valorização Sociocultural. Apropriação Cultural.

¹Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR.

²Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil na Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR. MBA em Gestão de Obras na Construção Civil pela AVM Faculdade Integrada (2016). Bacharel em Engenharia Civil (2014) e bacharel em Administração (2015) pela Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC de Vitória da Conquista. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR - 2017). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade UniBF (2023).

ABSTRACT: Built space directly impacts human behavior, whether positively or negatively, and architecture thus serves as a mediator, creating inviting, accessible, and comfortable spaces. When these spaces are designed with local culture as a reference, they contribute to the appreciation of community traditions, creating a bond between individuals and the sociocultural space, and fostering a desire to remain and enjoy these environments. This research is based on an analysis of culture as an essential element of social identity and architecture as a mediator of collective relationships. The overall objective is to understand how spatial organization can encourage the use, permanence, and appropriation of these environments by the community. To this end, an applied, exploratory research method was adopted, with a qualitative approach and bibliographical basis in national and international authors. The results indicate that architectural solutions that promote accessibility, flexibility, comfort, and urban integration strengthen the sense of belonging and expand social participation. It is concluded that well-planned cultural centers are instruments for democratizing access to culture and should be thought of as spaces for inclusion and collective memory, as well as agents of transformation in the urban context.

Keywords: Cultural Identity. Belonging. Sociocultural Appreciation. Cultural Appropriation.

RESUMEN: El espacio construido impacta directamente el comportamiento humano, ya sea positiva o negativamente, y la arquitectura actúa como mediadora, creando espacios acogedores, accesibles y confortables. Cuando estos espacios se diseñan con la cultura local como referencia, contribuyen a la apreciación de las tradiciones comunitarias, creando un vínculo entre las personas y el espacio sociocultural, y fomentando el deseo de permanecer y disfrutar de estos entornos. Esta investigación se basa en el análisis de la cultura como elemento esencial de la identidad social y de la arquitectura como mediadora de las relaciones colectivas. El objetivo general es comprender cómo la organización espacial puede fomentar el uso, la permanencia y la apropiación de estos entornos por parte de la comunidad. Para ello, se adoptó un método de investigación exploratoria aplicada, con un enfoque cualitativo y base bibliográfica en autores nacionales e internacionales. Los resultados indican que las soluciones arquitectónicas que promueven la accesibilidad, la flexibilidad, el confort y la integración urbana fortalecen el sentido de pertenencia y amplían la participación social. Se concluye que los centros culturales bien planificados son instrumentos para democratizar el acceso a la cultura y deben considerarse espacios de inclusión y memoria colectiva, así como agentes de transformación en el contexto urbano.

2133

Palabras clave: Identidad cultural. Pertenencia. Apreciación sociocultural. Apropiación cultural.

INTRODUÇÃO

Ao passar dos anos a definição de cultura evoluiu. “O que é cultura?” é uma pergunta com muitas respostas, existem diversas definições para cultura, no entanto, a mais notável é que são manifestações artísticas que caracterizam uma comunidade, conjuntos de conhecimentos, costumes e crenças que são passadas para os seres humanos durante sua trajetória através de gerações (Canedo, 2009).

Dessa forma surgiram os centros culturais que são instituições na qual desenvolvem diversas atividades, como aula de música, arte, cinema, contação de história, aula de dança, teatro, entre outras expressões culturais. Essas atividades oferecem experiências de relaxamento, reconhecimento, valorização, aprendizado e prazer, além de atuarem como papel essencial para conscientização sobre a importância do lazer para a população como direito universal, independente da classe socioeconômica (Silva, Lopes, Xavier, 2009).

Os primeiros centros culturais surgiram na Inglaterra por volta do século XIX, eram conhecidos como centros de artes. Contudo, somente no fim da década de 1950, na França, que surgem as primeiras construções voltadas para atividades culturais (Neves, 2013). A princípio foram criados como opção de lazer para os operários franceses, esses espaços tinham como propósito aperfeiçoar as relações no trabalho, criando áreas de convivência, quadras esportivas e centros sociais. Posteriormente, com o crescimento desse movimento cultural foi necessário criar políticas públicas pelo setor municipal, valorizando o lazer e a participação de atividades culturais, logo após as bibliotecas e centros sociais foram transformadas em casas de cultura (Ramos, 2007).

No Brasil, os centros culturais tiveram origem por volta dos anos 60, no entanto, expandiu somente na década de 1980, por essa razão surgem os primeiros centros culturais, o Centro Cultural do Jabaquara e o Centro Cultural São Paulo, ambos em São Paulo (Neves, 2013), a partir desse momento foram surgindo outros centros culturais e se espalhando pelo país. No momento, o maior centro cultural reconhecido no Brasil é o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e está localizado em Fortaleza (CE), ele foi inaugurado em abril de 1999 (Quinalha, 2022).

2134

De acordo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Oliveira apud IBGE, 2009), 93% dos brasileiros nunca visitaram uma exposição de arte e 95% nunca entraram em um museu. Apesar de 28% da população ter o hábito de sair para dançar, 78% nunca contemplaram uma apresentação de dança. A média de leitura do brasileiro está em apenas 1,8 livros por ano. Ainda conforme o IBGE, a cultura corresponde apenas ao sexto lugar na lista de despesas das famílias brasileiras. Outro dado alarmante: 90% dos municípios do Brasil não têm cinemas, teatros, museus ou centros culturais.

Conforme Vilutis (2009), é direito de todo cidadão ter acesso a cultura. Eliminar ou restringir o acesso, significa regredir no desenvolvimento humano. Participar e se envolver nessas atividades promove experiências de aprendizados, desenvolve o senso crítico, além de

despertar emoções humanas. A literatura e a arte são essenciais para a sociedade, e devem ser proporcionadas a todo indivíduo. Ademais, a educação e a cultura estão conectadas, elas são fundamentais para difundir conhecimentos, exercitar a criatividade, aperfeiçoar habilidades de comunicação, bem como contribuir com o lado artístico e profissional de cada pessoa.

Desde os tempos antigos as pessoas têm uma carência de espaços públicos que fornecem atividades culturais e que unem o conhecimento com lazer (Lima, Silva, 2007). Os centros culturais são de extrema importância e precisam ser trabalhadas com todas as faixas etária, pois tem como objetivo expandir o conhecimento, oferecer acesso à cultura, proporcionar a oportunidade de desenvolver habilidades, ampliar a capacitação profissional, e como resultado amenizar a violência. O Coelho (2008) também recomenda a inclusão cultural no planejamento urbano, com a esperança de modificar o cotidiano das cidades trazendo o bem-estar coletivo, ele defende a criação de políticas que estimulem a diversidade, a inclusão e inovação de espaços públicos.

A Constituição Federal Brasileira, estabelecida em 1988 em seu artigo 6º, aborda os direitos sociais e básicos dos indivíduos, sendo um deles o aprendizado, sem ele as pessoas não conseguem se desenvolver completamente, ele prepara o ser humano para qualificar e progredir no mercado de trabalho e em seus estudos futuros, e o aprendizado pode ser adquirido em centros culturais, pois são locais de trocas de conhecimentos, lazer, e diversas expressões artísticas, sendo uma fonte de aprendizado para esses cidadãos. Em seu artigo 216 apresenta-se o complemento indicando os direitos dos cidadãos ao patrimônio, pois todos os cidadãos precisam ter acesso ao patrimônio cultural brasileiro, com seus bens de natureza material e imaterial, a Constituição defende o direito de preservar a memória dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira (Brasil, 1988). Entretanto, mesmo sendo o direito de todos, grande parte da população não consegue ter acesso e nem participar de atividades culturais e de lazer, por não ter condições financeiras e por não existir setores públicos suficientes destinados para essa carência da população.

É importante ressaltar que a cultura serve como fundamento para o lazer, valoriza a identidade cultural e contribui para o desenvolvimento socioeconômico de uma cidade (Lima, Silva, 2007). O direito ao lazer tem se tornado fundamental para a expandir a cultura, desde a criação quanto ao usufruir dessa cultura, impactando na forma de agir, pensar e fazer. Conforme relatado por Cabral e Bahia (2010), o lazer é um guia para a formação de uma sociedade urbana, sendo considerada uma expressão de cultura viva, que integra atitude e desenvolvimento, além

de atuar como ferramenta de construção social, ele também é uma forma de organizar o tempo disponível, e auxiliar na formação de práticas culturais e sociais. O envolvimento direto em atividades culturais, valores e crenças de um local, contribui para a democratização dos espaços públicos e culturais, além de promover uma maior inclusão e reconhecimentos dessas comunidades (Lunardi, 2010).

Além de sua relevância social, cultural e educativa, é importante destacar que a configuração espacial dos centros culturais exerce um papel fundamental na maneira como esses espaços são apropriados e utilizados pela comunidade. Nesse contexto, a arquitetura não se restringe a ser apenas um espaço físico de apoio para desenvolver as atividades, mas atua como um agente ativo na promoção de interações sociais, inclusão e senso de pertencimento. De acordo Gehl (2013), o espaço construído influencia diretamente o comportamento humano, sendo essencial para estimular o encontro, a convivência e a vitalidade urbana. Quando os espaços são projetados de maneira convidativa, com acessibilidade, conforto ambiental e diversidade de usos, favorecem a permanência das pessoas e o fortalecimento dos laços comunitários.

O urbanista e escritor Lynch (2011) destaca que a visibilidade e a organização espacial das cidades e de seus equipamentos públicos são determinantes para a apropriação dos lugares. Os centros culturais devem ter seus ambientes distribuídos de forma clara, com boa sinalização, continuidade visual entre os espaços e integração com o entorno urbano, favorecendo, assim uma identificação mais profunda da comunidade com o espaço, transformando-o em um ponto de referência simbólico e afetivo para os moradores. Compreender como a configuração espacial influencia a interação comunitária e o fortalecimento da cultura é fundamental para a elaboração de projetos arquitetônicos mais eficazes, sensíveis às necessidades locais e comprometidos com a transformação social. A valorização do espaço como mediador das relações humanas reforça o papel da arquitetura como agente cultural e educativo, contribuindo para a construção de cidades mais justas, inclusivas e culturalmente vivas.

2136

Os espaços urbano e arquitetônico carregam significados culturais e históricos e são importantes para a construção da identidade coletiva. Os centros culturais que são bem planejados arquitetonicamente passam a ser ferramentas de valorização das culturas locais, estimulando a preservação da memória, a produção artística e o fortalecimento dos vínculos sociais. Quando projetados em diálogo com as necessidades específicas da população e com a paisagem ao seu redor, esses espaços tornam-se catalisadores da vida comunitária Choay (2001).

Um centro cultural bem-organizado é fundamental para o desenvolvimento cultural e social de uma comunidade, oferecendo um espaço para a troca de experiências, a promoção da arte e a disseminação do conhecimento, proporcionando um ambiente para a prática de atividades culturais, estimulando a criatividade e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a configuração espacial dos centros culturais pode atuar como agente catalisador na interação comunitária e no fortalecimento das expressões culturais, identificando estratégias arquitetônicas que estimulem o uso desses espaços, que tornem esses ambientes mais inclusivos, incentivem a participação ativa da comunidade e contribuam para o fortalecimento da identidade cultural. Os objetivos específicos deste trabalho são:

Compreender o conceito de cultura e os centros culturais;

Avaliar como a distribuição dos espaços nos centros culturais influenciam no uso e na apropriação desses ambientes;

Examinar estratégias arquitetônicas que favorecem a inclusão, e permanência das pessoas nos espaços culturais;

Estudar o impacto da arquitetura como ferramenta de fortalecimento da identidade sociocultural;

Explorar como a flexibilidade dos espaços podem impulsionar a diversidade de usos.

Analisar o impacto que o conforto térmico e acústico pode trazer na experiência dos usuários;

Os centros culturais têm um papel importante na preservação e na valorização cultural, por isso a arquitetura desses espaços não é pensada somente pela estética, pois eles influenciam diretamente na comunidade, e devem despertar nas pessoas os sentimentos de acolhimento e pertencimento ao local. Dessa forma, é feito o seguinte questionamento: de que maneira a configuração espacial de tais ambientes podem instigar a interação comunitária e o fortalecimento cultural?

METODOLOGIA

Esse trabalho de pesquisa tem como propósito compreender a influência da configuração espacial dos centros culturais, mostrando como isso pode atrair mais usuários a participar das atividades, trazendo uma interação maior da comunidade, e valorização sociocultural. A priori,

para desenvolver esse trabalho foi estabelecido como natureza a pesquisa aplicada, com o objetivo exploratório, a abordagem qualitativa e os procedimentos de pesquisa de cunho bibliográfico.

De acordo Nascimento (2016), a pesquisa aplicada tem como objetivo gerar conhecimentos no foco de solucionar problemas específicos e práticos, sendo utilizada numa situação concreta e particular, busca veracidade em contextos reais e soluções diretas para essas questões. Considerando o contexto em estudo, obteve-se informações específicas sobre o modo que a arquitetura e a cultura estão conectadas, e como juntas elas podem contribuir para o fortalecimento e interação da comunidade.

Quanto ao objetivo adotado nesse trabalho, se define em pesquisa exploratória, com a finalidade de explorar um tema pouco conhecido, se aproximar do problema e ajudar na elaboração de argumentos para solucionar esse impasse (Gil, 2002). Tendo em vista que o tema escolhido é de relevância para as comunidades e ainda necessita de estudos detalhados, essa pesquisa se torna importante para expandir o entendimento sobre o assunto em questão, sendo o intuito desse estudo fornecer recursos para a valorização, preservação cultural e inclusão comunitária.

Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001), visa compreender características que vão além das informações em números, dessa forma, busca entender os aspectos subjetivos e sociais. Levando em conta que houve uma exploração detalhada sobre o fortalecimento cultural e quais as melhores estratégias espaciais que podem estimular o usuário a usar esses espaços, de forma que esses ambientes se tornem atraentes para todas os moradores da comunidade, sendo através de atividades ou por estar num ambiente que desperta sentimento de pertencimento e identidade cultural. Pela experiência de estar em lugar acolhedor as pessoas vão sentir-se cativadas a sempre voltar e participar das programações, dessa forma, gerando uma interação na comunidade.

A metodologia utilizada nesse trabalho acadêmico, no que se refere aos procedimentos, teve como base a pesquisa bibliográfica. De acordo Fonseca (2002), esse tipo de pesquisa consiste em levantamentos de referenciais teóricos que já foram examinados, sendo os principais: livros, artigos científicos, websites, TCCs, teses e monografias com o objetivo de coletar dados e aprofundar sobre o tema e problema propostos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa algumas etapas importantes foram seguidas. A primeira se refere a análise das informações obtidas por meio de uma seleção de artigos

acadêmicos, referências bibliográficas em monografias e dissertações de mestrado através da plataforma do google acadêmico, nos quais foram utilizadas palavras chaves como fortalecimento cultural, centro cultural, integração social e espaços acessíveis. Os artigos selecionados facilitaram na compreensão da relação entre arquitetura e cultura, com foco na configuração espacial dos centros culturais e no seu impacto na interação comunitária.

Na segunda etapa da construção do referencial teórico foram compiladas discussões de autores sobre a arquitetura na dinâmica sociocultural dos espaços, com ideais relacionadas à história da cultura; a origem e o papel dos centros culturais para as comunidades; a arquitetura na construção da identidade de centros culturais e a influência do espaço arquitetônico na acessibilidade e na inclusão social. Posteriormente à coleta de informações, os dados foram analisados a fim de identificar as melhores estratégias espaciais que promovam a apropriação e o uso dos centros culturais pela comunidade. Os resultados obtidos demonstraram como determinadas soluções arquitetônicas podem estimular a interação social, incentivar a participação ativa dos moradores nas atividades dos centros culturais e contribuir para a valorização e o fortalecimento sociocultural.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

2139

Este tópico aborda pontos importantes para esclarecer como a arquitetura e a cultura podem influenciar na configuração espacial dos centros culturais, na interação da comunidade e no fortalecimento cultural. Ele está dividido em três capítulos, o primeiro faz uma análise bem detalhada sobre cultura ao longo da história; o segundo aborda o surgimento desses espaços, qual a sua definição e os principais em nosso país; o terceiro e último capítulo mostra como a arquitetura influencia na construção da identidade dos centros culturais.

DEFINIÇÕES DE CULTURA AO LONGO DA HISTÓRIA

O termo "cultura" de origem latina, utilizado inicialmente no século XIII para se referir ao cultivo da terra, especialmente no contexto rural. No século XVI seu significado foi ampliado para englobar o humano e o desenvolvimento intelectual. Somente a partir do século XVIII o conceito passou a ser empregado em seu sentido contemporâneo, abrangendo as práticas sociais, simbólicas e materiais produzidas pelo ser humano. Atualmente, a cultura é um conceito central nas Ciências Sociais, especialmente na Antropologia, que investiga as origens

e características culturais da humanidade, e na Sociologia, que analisa os fenômenos sociais e a dinâmica das sociedades. (Magnus, 2024).

Segundo Chauí (1982), a compreensão de cultura pode ser estruturada a partir de três abordagens principais. A primeira é a do senso comum, em que o termo é frequentemente utilizado de forma imprecisa, associado a níveis de instrução, conhecimento, educação ou sofisticação, o que pode reforçar estereótipos e exclusões sociais. A segunda, de natureza histórica, entende as manifestações culturais como o modo pelo qual os seres humanos se relacionam com o tempo, a natureza e uns com os outros. Por fim, a visão antropológica descreve esse fenômeno como um sistema simbólico formado pelas interações humanas no interior das sociedades. Normas, regras e convenções sociais moldam os comportamentos e valores coletivos, compondo, o que a Antropologia denomina cultura.

Ao longo do século XX, os debates sobre o tema concentraram - se em três categorias principais: cultura erudita, popular e de massa. Inicialmente a erudita está associada a arte refinada, geralmente vinculada à elite. Em seguida a popular é entendida como o conjunto de valores tradicionais de um povo, expressa em forma artística como danças, músicas, festividades e objetos do cotidiano. Finalmente tem - se a cultura de massa que é caracterizada pela ampla difusão de produtos culturais, voltados ao grande público, com forte apelo comercial (Coelho, 1986).

2140

De acordo Oliveira e Costa (2013), no senso comum o termo é frequentemente associado a um acúmulo de conhecimentos formais, como nível de escolaridade, domínio de línguas estrangeiras ou experiências internacionais, o que gera uma visão hierarquizada e excludente dos saberes. Tal perspectiva tende a desvalorizar expressões culturais populares, reforçando preconceitos sociais. A Sociologia, por outro lado, compreende a dimensão cultural como um conjunto amplo de produções humanas, incluindo ideias, costumes, crenças, normas e práticas sociais, reconhecendo que todos os indivíduos participam desse processo. A Antropologia, por sua vez amplia essa concepção ao demonstrar que diversos comportamentos considerados “naturais” são, na realidade, construções culturais. Essa ciência enfatiza a importância de reconhecer a diversidade cultural e compreender que nenhuma delas é superior ou única, sendo todas formas legítimas de organizar e dar sentido ao mundo. Para enfatizar o que a sociologia aponta sobre cultura e sua relação na resolução dos desafios cotidianos, podemos afirmar que:

A palavra cultura tem diversas origens e usos. Entretanto, para a Sociologia, ela é a base sobre a qual as sociedades humanas constroem seus diferentes modos de vida. É por meio da cultura que buscamos soluções para nossos problemas cotidianos, interpretamos a realidade que nos cerca e produzimos novas formas de interação social.

A maneira pela qual estruturamos a economia, nossas formas de organização política, as normas e os valores que orientam nossas ações, todos esses elementos estão presentes na cultura. Por sua vez, a cultura é resultado das nossas ações sociais. As práticas, os saberes e sua aplicação pela coletividade resultam num conjunto de conhecimentos que orientam nossa ação no mundo e nos permitem reconhecer, explicar e construir a realidade social (Silva et al., 2017, p. 64).

Silva (2017) reforça esse pensamento ao afirmar que a construção da cultura é um processo complexo, marcado por conflitos e desigualdades entre diferentes grupos sociais. Apesar da valorização da diversidade cultural brasileira, muitas manifestações populares, especialmente aquelas oriundas de minorias como negros, mulheres, nordestinos, indígenas, quilombolas e comunidades ribeirinhas, continuam sendo marginalizadas e desvalorizadas. Esses grupos, historicamente considerados cidadãos de segunda classe, tiveram suas contribuições culturais relegadas a um plano inferior. No entanto, a história demonstra que, diante de interesses políticos e comerciais, as elites dominantes acabaram por incorporar essas práticas e saberes populares, adaptando-os ao padrão cultural hegemônico. Isso evidencia como o processo de formação cultural é frequentemente permeado por relações de poder e exclusão.

A sociedade e o contexto cultural desempenham uma função importante na formação da identidade dos indivíduos, como também no desenvolvimento de instituições e em normas de convivências (Barbosa, 2023). Francisco (2022) destaca que a cultura e o homem estão interligados, contribuindo ativamente na evolução da humanidade, e que não existe homem sem cultura e nem cultura sem o homem. Ao longo das diferentes etapas da vida, o indivíduo vivencia práticas culturais cotidianas. No entanto, é através da integração social e educação que se estabelece a conexão entre o homem e a cultura.

2141

Dentro desse panorama, pode-se descrever esse conjunto de valores e tradições como algo intrinsecamente ligados ao contexto de pertencimento de cada indivíduo, sendo o modo que o ser humano se expressa ao entrar em contato com os materiais produzidos por seus antepassados. Além disso, tal herança imaterial faz parte da história de gerações anteriores a nós (Barbosa, 2023). De acordo com a perspectiva de Francisco (2022), o homem é um animal social, visto que, nasce em uma sociedade e que ele não consegue sobreviver fora dela, ademais, necessita da colaboração de outros indivíduos para garantir condições fundamentais à sua sobrevivência.

Para concluir esse pensamento, Mondin (1980) afirma que a sociedade é composta por grupo que compartilham de um mesmo sistema de valores e costumes, relacionando-se entre si formando comunidades, onde existem normas voltadas a trazer benefícios e conforto. Dessa maneira, proporciona a possibilidade de viverem como indivíduos civilizados. A cultura e a

memória estão ligadas e é de suma importância registrar os detalhes dessa história, para que nenhuma característica se perca ao decorrer do tempo, preservar ajudará a compreendermos a realidade da nossa sociedade, e manterá viva a memória para gerações futuras. Santos (2006), ressalta que cada manifestação cultural possui características próprias por contar uma história particular. Além disso, Batista (2020 apud Regina, 2006) complementa, dizendo que a cultura é a forma de você se relacionar com o mundo, seja através do seu jeito de ser, viver e sentir, expressando sua identidade de maneira singular.

Tylor (1871) menciona que a dimensão cultural está presente no cotidiano do ser humano: é tudo que o indivíduo realiza e aplica na sociedade (crenças, costumes, objetos, conhecimentos, ideias, tradições, artes). Cada uma dessas características reflete e simboliza a identidade de um povo, diferenciando dos demais. Costa (2018) salienta que as culturas não permanecem isoladas umas das outras, pelo contrário elas sempre estão conectadas e passam por constantes transformações.

Em conformidade com Coelho (1997), cada grupo deve trabalhar suas características e tradições, de modo que nenhuma delas sobreponha às demais, evitando relações de dominação sobre a outra, e demonstrando que estão juntos na luta contra a desigualdade. A diversidade cultural enriquece a sociedade, promove a troca de conhecimentos e permite que diversos cenários coexistam, criando um espaço de ensino e socialização.

2142

Costa (2018) aborda que a cultura é imprescindível para a formação de um povo, além de ser um instrumento lucrável, pois o conhecimento é a chave do sucesso, trazendo oportunidades de crescimento. A renda e a economia, nesse contexto são meios importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. Dessa forma, observa-se a importância de valorizar as tradições e identidades de um povo ou país, pois uma sociedade sem identidade não consegue se destacar, e nem se tornar referência.

Considerando a complexidade da cultura como expressão dos modos de ser, viver e sentir de uma população, torna-se vital pensar nos espaços que possibilitam sua preservação e expansão. Nesse cenário, os centros culturais emergem como ferramentas fundamentais para a democratização ao acesso à cultura, o conhecimento e à valorização da identidade coletiva. Ao reconhecer que a herança cultural é construída nas relações sociais e é moldada pelas particularidades de cada região, esses espaços se tornam essenciais na promoção do pertencimento e da identidade local, ao propiciar um encontro constante entre as raízes tradicionais e as inovações culturais emergentes.

CENTROS CULTURAIS: SUA ORIGEM E PAPEL PARA AS COMUNIDADES

Os centros culturais são organizações que tem o objetivo de promover atividades básicas e fundamentais para uma sociedade, como por exemplo, compartilhar conhecimentos, debater ideias e desenvolver soluções de forma integrada. Embora diversos ambientes sejam reconhecidos como geradores de cultura, esses polos atuam como união social proporcionando o acesso à cultura, lazer e realizando a integração de galerias, anfiteatros, oficinas, músicas, salas de danças, bibliotecas, entre outros espaços, com o objetivo de disseminar acesso ao conhecimento (Milanesi, 1997, p. 197).

Todavia, não é uma tarefa simples descrever com precisão o que são centros culturais, eles não se resumem a construções com funções pré-determinadas, constituem em verdadeiros vetores de significados sociais e culturais; produzindo encontros, afetos e trocas simbólicas. São espaços que se transformam através dos acontecimentos locais, criando um elo entre as pessoas e seu território, estimulando encontros entre diversos grupos sociais. Funcionam como um equipamento social dinâmico, acessível e multifuncional, que tem como principal objetivo fornecer cultura, estimular convivência e interação social (Neves, 2013).

De acordo Santos et al. (2022) foi por volta do século XIX que surgiram os primeiros centros culturais, eles eram conhecidos como centros de artes. Países como França e Inglaterra começaram a desenvolver e estimular a execução dos espaços culturais, com o objetivo de expandir e facilitar o acesso à cultura. Foi na década de 1950 que a França foi pioneira e criou o Centre National d'Art Culture Georges Pompidou, tendo sua inauguração apenas no ano de 1977, a partir disso ele passou a ser uma grande referência para outros países. Inicialmente esses espaços foram criados como solução de lazer para os operários franceses, com o objetivo de melhorar as relações laborais, criando ambientes de convivência, como por exemplos, quadras esportivas e centros sociais. Logo após, com o aumento exponencial desse movimento cultural foi necessário criar políticas públicas pelo setor municipal, valorizando o lazer e a participação de atividades culturais (Ramos, 2007).

Em sua pesquisa o professor Milanesi (1997) destaca uma construção cultural a qual é mais antiga que o Centre National d'Art Culture Georges Pompidou. Sendo localizada na Antiguidade Clássica, a Biblioteca de Alexandria também é conhecida como “museion”:

Provavelmente, discutia-se Cultura na Biblioteca de Alexandria. Sempre houve um espaço para armazenar as idéias, quer registradas em argila, papiro, pergaminho, papel ou cd-rom. Da mesma forma, o homem nunca deixou de reservar áreas para trocar ideias. Por uma convergência de fácil explicação, área para armazenar documentos e para discutir, inclusive discutí-los, passou a ser a mesma. Por isso, a Biblioteca de

Alexandria pode ser caracterizada como o mais nítido e antigo centro de Cultura (Milanesi, 1997, p.77).

Nesse local era armazenado vários documentos, com a finalidade de conservar os conhecimentos da Grécia Antiga, compreensão do campo, astronomia, filosofia, religião, medicina, entre outros. Esse espaço não era reservado apenas para os estudos, mas também para guardar obras de artes, esculturas, instrumentos cirúrgicos e cultuar suas divindades. Além desses objetos, a biblioteca contava com um observatório, salas, refeitório, jardim botânico e um anfiteatro. É possível observar que a estrutura descrita é muito parecida com a dos centros culturais de hoje.

Os centros culturais no Brasil têm uma história recente. A questão não era abordada até que os países do primeiro mundo começaram a construir esses espaços. Em nosso país, foi por volta dos anos 60 que o interesse de começar a produzir os centros culturais se manifestou, no entanto, somente na década de 1980 que começou aparecer os primeiros centros culturais, a fim de espalhar e incentivar o acesso à cultura, proporcionado a convivência e interação social (Neves, 2013). Além disso, esses ambientes exercem um papel importante no contexto urbano, por promoverem a convivência, coletividade, criatividade, comunicação, e estimular habilidades física e mental dos indivíduos (Milanesi, 1997).

Oliveira (2006) destaca quais são os centros culturais pioneiros no Brasil: o Centro Cultural do Jabaquara (Figura 1a), localizado na periferia de São Paulo, foi inaugurado no ano de 1980, contando com um programa de ação cultural, que inclui oficinas de artes plásticas, história da arte, dança, teatro, entre outras; Em seguida, tem-se o Centro Cultural São Paulo (Figura 1b), localizado em São Paulo, que foi inaugurado no ano de 1982, a princípio era uma biblioteca para guardar as obras de Mário de Andrade, mas depois precisou passar por algumas adaptações, atualmente o centro oferece espetáculos de teatro, danças, músicas, oficinas, entre outras coisas; A partir desse marco foram surgindo outros centros culturais e se espalhando no país; Atualmente, o maior centro cultural reconhecido no Brasil é o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura (Figura 1c) que está localizado em Fortaleza (CE), foi inaugurado em abril de 1999 (Quinalha, 2022).

O Centro Cultural do Jabaquara, foi projetado no ano de 1977 pelo escritório Shieh Arquitetos Associados, planejado como parte de intervenção na Casa-Sede do Sítio da Ressaca construída no início do século XVIII, é reconhecida como um dos remanescentes do patrimônio histórico da região. Integrado ao Projeto CURA/Jabaquara, a proposta visava não apenas à revitalização do monumento histórico, mas também à ressignificação de seu uso,

transformando-o em um espaço dinâmico voltado para a produção e difusão cultural (Yau; Filho, 2017).

Figura 1 - Centro Cultural do Jabaquara, Centro Cultural São Paulo e Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, respectivamente



Fonte: elaborada pelos autores a partir das fontes, respectivamente: Stankuns (2017); Rennó (2012); Lima (2013).

O (CCSP) Centro Cultural São Paulo, foi projetado pelos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, tendo grande relevância por conta de onde está inserido, encontra-se localizado numa área que antes era predominantemente residencial, mas foi redirecionado para fins culturais, o centro representa um rompimento com os modelos tradicionais de espaços culturais, pois é um equipamento urbano acessível, multifuncional e integrado ao cotidiano da cidade (Centro Cultural São Paulo, 2025).

Ramos (2007) destaca que o centro cultural é um espaço designado a prática de diversas atividades, para atrair e despertar a permanência do público é necessário que o espaço conte com uma boa infraestrutura e seja acolhedor, a fim de proporcionar uma experiência única e agradável aos usuários. O intuito dessas atividades vai além do entretenimento, é conscientizar os indivíduos sobre a sua identidade e sua relação com os demais. O centro cultural deve implementar programas direcionados ao trabalho com diferentes grupos sociais, com o uso de elementos que simboliza e expressa a cultura daquele povo ou região, e dessa forma atuar como instrumento que promova a conscientização individual e comunitária.

O centro cultural tem sua identidade definida a partir dos tipos de atividades que ele vai ofertar, e isso vai estar condicionado à realidade de cada local. As atividades não são fixas, elas são ajustadas de acordo com as necessidades sociais e culturais da comunidade onde ele se encontra. Por isso é importante entender como um ambiente pode ser flexível, preparado para receber diferentes públicos e práticas, incentivando a inclusão e valorizando a diversidade. Ao permitir ser flexível o centro cultural estimula uma interação fluída pelo público, tornado-se um lugar de encontro, troca e construção coletiva, como afirma Cardoso e Nogueira (1994, p. 205):

O entendimento da cultura como processo se fazendo no cotidiano da existência dos homens juntamente com a percepção da explosão informacional da contemporaneidade, impulsionaram a criação de inúmeros centros de cultura por todo o mundo. Originando-se em coleções bibliográficas, tais centros buscam responder às exigências da sociedade atual: as bibliotecas modernas ultrapassam seus objetivos e acervos tradicionais ligados à leitura da palavra impressa e se projetam em direção às formas mais diversas de interpretação e representação do mundo.

Para conseguir um centro cultural eficaz necessita do estudo atento as características dos usuários e de suas necessidades específicas. A arquitetura deve favorecer o convívio, a permanência e o sentimento do pertencimento ao espaço. Como o centro cultural é um equipamento público ele deve funcionar como meio de valorizar as expressões culturais, tradições e identidades locais. Ele representa um território importante para o desenvolvimento de atividades culturais e informacionais, especialmente em um contexto moderno onde o conhecimento é valorizado e o acesso à informação é democratizado.

Conforme Milanesi (1997), a arquitetura de um centro cultural deve refletir as tradições e particularidades da região, pois é nesse contexto que se molda sua identidade formal. Diferente de outras construções, o centro cultural é um espaço onde a arte e a vivência se encontram, permitindo que o público se relacione com novas experiências e revise sua própria identidade. Assim, mais do que dimensões físicas amplas, o que importa é a variedade de usos e a conexão que o espaço estabelece com as pessoas.

2146

A ARQUITETURA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CENTROS CULTURAIS

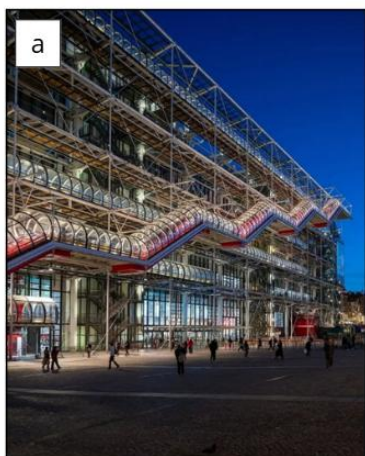
A arquitetura é uma ferramenta muito importante na construção da identidade dos centros culturais, esses espaços funcionam como meio de expressão simbólica, social e histórica, mostrando características locais e promovendo práticas culturais reforçando o sentimento de pertencimento e fortalecendo a memória coletiva das comunidades em que estão inseridos. De acordo com Lefebvre (1991), esses espaços construídos são resultado das relações sociais, é um campo de produção e reprodução de significados. Os centros culturais não são apenas estruturas físicas, mas sim lugares vivos, marcados pelas experiências sociais que abrigam e incentivam, quando a configuração espacial se adapta às dinâmicas específicas da comunidade, ela favorece a apropriação, o encontro e o fortalecimento dos laços comunitários, transformando o espaço em instrumento de participação cultural e expressão coletiva.

O Centre Pompidou (figura 2a), por exemplo, está localizado em Paris e foi projetado por Renzo Piano e Richard Rogers, sendo um projeto que pode ser usado como referência de como a configuração espacial influencia na permanência do usuário nos espaços culturais. O

empreendimento tem uma arquitetura transparente, com circulação exposta e uma grande praça frontal de livre acesso, materializando a democratização da cultura ao articular espaços expositivos com áreas de encontro comunitário, ampliando o sentido de pertencimento, a configuração espacial, ao dialogar com a cidade e oferecer múltiplos pontos de acesso e reforçando a noção de inclusão e de abertura, que são fundamentais para manter o dinamismo da comunidade (Fracalossi, 2012).

Outro caso de destaque é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (figura 2b), localizado em Fortaleza e foi concebido para revitalizar uma área antes degradada da cidade. Sua implantação contribuiu não apenas para a oferta cultural, mas também para a requalificação urbana e o fortalecimento da identidade local. Ao integrar museus, teatros e espaços abertos de convivência, o centro consolidou-se como ponto de encontro da população, atraindo tanto visitantes quanto moradores, o que demonstra a relevância da configuração espacial como estratégia de transformação social e cultural (Gondim, 2011).

Figura 2 - Centre Pompidou e Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, respectivamente



Fonte: elaborada pelos autores, a partir das fontes, respectivamente: Argillier (2025); Calisto (2025).

A identidade de um lugar está relacionada à percepção visual e a memória construída a partir de símbolos e composições urbanas, a espacialidade desses equipamentos culturais, deve ser pensada para incentivar a convivência e a interação, o desenho arquitetônico deve favorecer os acessos de forma acessível, espaços abertos de convivência, ambientes flexíveis e infraestrutura que estimule a permanência, elementos como praças internas, salas multiuso e áreas externas integradas favorecem o uso espontâneo e o compartilhamento de experiências culturais (Gislon, 2016).

Nesse contexto, um exemplo a ser citado é o Centro Cultural e de Conhecimento Krona, localizado na Noruega, esse centro tem alguns ambientes flexíveis sendo eles o refeitório que a noite se transforma em uma cafeteria, a biblioteca que pode ser usada como espaço teatral, a galeria de artes que se transforma em um bar, os auditórios não ficam de fora pois possuem uma configuração para o uso de diferentes layouts, esses espaços foram projetados para serem flexíveis e ao mesmo tempo trazer conexão dos espaços com o contexto histórico. O conceito do edifício é ser adaptável, possuindo um programa de necessidade que atenda a todos os usuários, esses espaços foram estruturados para oferecer máxima abertura e flexibilidade, criando um ambiente dinâmico e social, conectando se ao patrimônio de Kongsberg (ArchDaily, 2016). Com essas estratégias torna-se possível uma apropriação maior da comunidade, por criar espaços ativos e flexíveis, onde as pessoas podem usufruir de diversas formas conseguindo atender a uma demanda bem maior da comunidade.

Segundo Silva (2020), a arquitetura é a manifestação dos anseios humanos e atua como reflexo dos valores imateriais no mundo material. O projeto arquitetônico de um centro cultural deve refletir as características da comunidade em que vai ser implantado, as pessoas precisam sentir que suas memórias e estilo de vida foi respeitado. Quando o projeto arquitetônico reflete a identidade cultural local, contribui para a valorização das tradições da comunidade e fortalece o vínculo emocional com o espaço, por meio do uso de referências culturais locais na composição arquitetônica, observada nos materiais, forma, cores e texturas, trazendo poder simbólico com capacidade de ativar memórias coletivas e individuais, gerando o sentimento de pertencimento e favorecendo no uso mais profundo do espaço pela comunidade.

2148

Uma referência do Brasil que pode ser mencionada é o Sesc Pompeia, em São Paulo, projetado por Lina Bo Bardi. Nesse projeto, uma antiga fábrica foi transformada em um espaço cultural multifuncional, na intervenção a arquiteta respeitou a estética existente da fábrica, manteve os antigos materiais mesclando com novos de forma que eles ficassem harmônicos, ela optou por preservar um pedaço da história da cidade. Os espaços se integram entre as áreas abertas, passarelas e ambientes destinados a práticas esportivas e culturais promovendo uma apropriação intensa pela comunidade, esse espaço buscou manter um caráter inclusivo do projeto e a valorização da convivência cotidiana permitiram que o Sesc se tornasse um espaço de todos, estimulando a interação comunitária de maneira natural (Suárez, 2016).

A visão sobre identidade cultural está profundamente vinculada à maneira como os espaços são concebidos e apropriados pela comunidade. Silva (2020) defende que a arquitetura

deve resistir às imposições de uma estética globalizada, promovendo em vez disso, uma linguagem que respeite e valorize as especificidades regionais, essa ideia se concretiza no conceito de regionalismo crítico, que propõe a união entre as técnicas contemporâneas e os saberes vernaculares. Os centros culturais tornam-se lugares híbridos, nos quais a memória e a inovação coexistem em benefício da coletividade, ao incorporar elementos do ambiente local - como materiais tradicionais, modos construtivos típicos, e formas arquitetônicas inspiradas nas referências culturais da comunidade, esses espaços passam a refletir a diversidade e a singularidade dos contextos em que se inserem.

Alguns centros culturais se destacam por respeitar as particularidades de cada região e as necessidades dos seus usuários, como o Instituto Inhotim, localizado em Minas Gerais. Ele integra arte contemporânea com a paisagem natural e o bioma local, promovendo a valorização da cultura regional (Inhotim, 2025). Assim como o Centro Cultural Dragão do Mar, situado em Fortaleza, combina a revitalização urbana com elementos que dialogam com a cultura cearense, permitindo que a população se reconheça no espaço cultural através das produções artísticas e com exposições apresentando manifestações e valores culturais do Ceará (Freitas, 2007).

Lima (2022) reforça a ideia de que a arquitetura atua como ferramenta de expressão espacial, responsável por tornar visíveis os elementos da identidade local, sendo influenciada por fatores sociais, culturais, econômicos e climáticos, o resultado será de uma consolidação na identidade arquitetônica local, evidenciada através de padrões construtivos adaptados à realidade de cada território, esse modo de fazer, quando respeitado e reinterpretado com sensibilidade, é o que garante autenticidade aos espaços culturais. Ao configurar espaços que respeitam essas singularidades, os centros culturais tornam-se verdadeiros marcos urbanos, representando a memória coletiva e servindo como referência para a vida comunitária, demonstrando que o espaço construído não apenas abriga o fazer cultural, mas o impulsiona, tornando-se elemento essencial na preservação das tradições e na continuidade das práticas sociais.

De acordo Silva (2020), a construção de vínculos afetivos com o espaço ocorre quando um indivíduo se identifica com o ambiente, o que promove o sentimento de pertencimento e memória, essa identificação pode ocorrer por meio de elementos arquitetônicos que remetem lembranças e sensações, como ao visitar a casa dos avós ou ao entrar em uma construção histórica que remete ao passado. Essas experiências tornam o espaço mais que funcional, ele se transforma em um ponto de referência simbólico, com potencial de despertar emoções

profundas nos centros culturais essa perspectiva se intensifica, pois eles não apenas abrigam manifestações artísticas e educativas, mas também se tornam locais de reuniões, celebrações e manifestação da identidade coletiva.

Ricoeur (2007) destaca que a memória coletiva está profundamente enraizada nos espaços que ocupamos, sendo os lugares responsáveis por sustentar fisicamente as lembranças compartilhadas por uma comunidade. Os centros culturais assumem papel fundamental na organização simbólica da cidade, funcionando como símbolo da identidade coletiva e da história local. Ao incorporar elementos do repertório cultural local como materiais, formas, cores e simbolismos característicos, a arquitetura desses espaços contribui para ressignificar o ambiente urbano e garantir a continuidade das tradições. A configuração espacial torna-se um canal de transmissão de valores culturais entre diferentes gerações, fortalecendo a identidade e o pertencimento.

Além disso, Ricoeur (2007) acredita que o espaço construído tem força para descrever histórias, realizar memória e permitir a construção de uma identidade comum. No centro cultural, a história é revelada tanto na forma da arquitetura quanto na disposição dos ambientes, permitindo algumas interpretações e experiências. A configuração espacial, deve ser bem planejada para receber uma variedade de usos, expressar a diversidade cultural da comunidade e promover o compromisso das pessoas em um lugar bem projetado, os espaços culturais se tornam ferramentas de mediação entre o passado, presente e futuro entre tradição e transformação.

2150

Bauman (2005) observa que no cenário atual, onde várias identidades convivem e se sobrepõem, há uma variedade de identidades em disputa e construção, deixando mais complexa a tarefa de mostrar simbolicamente uma coletividade. Tendo isso em mente, a arquitetura dos centros culturais deve buscar a inclusão e representatividade criando espaços que dialoguem com a diferença étnica, social e cultural dos usuários. Criar um ambiente acolhedor, flexível e acessível é importante para garantir que a comunidade participe ativamente e para fortalecer as práticas culturais locais.

É importante ressaltar que os centros culturais não se limitam apenas ao papel de abrigos de obras e eventos, mas assumem funções sociais e educativas fundamentais, ao respeitar as atividades locais e as necessidades da comunidade, a configuração espacial fortalece a estrutura social, colaborando para a construção de uma cidadania participativa e culturalmente consciente. Brandão (2007) afirma que a educação popular e os espaços culturais públicos são de

extrema importância para o desenvolvimento da autonomia, da participação cidadã e da valorização das identidades coletivas, entender que a arquitetura é uma linguagem simbólica e instrumento de mediação cultural é essencial para o desenvolvimento de espaços que não apenas representa, mas transformem a realidade das comunidades a que servem.

Também é necessário enfatizar que o espaço arquitetônico influencia na acessibilidade e na inclusão social. A Constituição Federal de 1988 garante o direito à igualdade de acesso aos espaços urbanos, estabelecendo que nenhuma forma de discriminação deva impedir a participação plena dos cidadãos, com isso surge a elaboração de normas técnicas como a NBR 9050/2004 e o Decreto nº 5.296/2004, que definem critérios essenciais para promover acessibilidade em edificações e espaços públicos, assegurando o direito à cidade e à cultura para todos os indivíduos (Oliveira, 2006). Duarte (2005) complementa esse pensamento dizendo que a acessibilidade desses espaços não deve ser pensada como um conjunto de soluções direcionadas apenas às pessoas com deficiência, mas como um princípio de projeto que abrange a diversidade humana, essa abordagem amplia a capacidade do centro cultural de se tornar um espaço verdadeiramente inclusivo, acessível e integrador, não é apenas a eliminação de barreiras físicas que está em jogo, mas a construção de ambientes que favoreçam a interação da comunidade.

No que se refere à inclusão e acessibilidade, observa-se que centros culturais que incorporam esses princípios tornam-se ainda mais eficazes na promoção da participação comunitária. O Itaú Cultural, em São Paulo, dispõe de recursos de acessibilidade física (rampas, elevadores, sinalização tátil e pisos podotáteis) e comunicacional (audiodescrição, intérpretes de Libras, legendagem em tempo real), ampliando o acesso a públicos diversos (Audima, 2021). Da mesma forma, a Biblioteca Vasconcelos, na Cidade do México, integra espaços amplos, circulações acessíveis e áreas de convivência que permitem a apropriação democrática do equipamento cultural por pessoas com diferentes necessidades (ArchDaily, 2016). 2151

O Quadro 1 a seguir apresenta um levantamento de alguns centros culturais citados anteriormente, destacando algumas estratégias de acessibilidade e quais impactos podem causar na comunidade.

Quadro 1 - Comparação entre os centros culturais inclusivos

CENTRO CULTURAL	LOCALIZAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE FÍSICA	ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL E SENSORIAL	IMPACTO COMUNITÁRIO
Itaú Cultural	São Paulo, Brasil	Elevadores, sinalização tátil, pisos podotáteis;	Audiodescrição, intérpretes de Libras, legendagem em tempo real;	Inclusão de pessoas com deficiência, ampliando a participação cultural;
Biblioteca Vasconcelos	Cidade do México, México	Circulações amplas, escadas rolantes, rampas de acesso;	Ambientes claros, sinalização visual e tátil;	Apropriação comunitária ampla, promovendo democratização do conhecimento;

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Outro ponto a ressaltar é sobre como o acolhimento pode ser garantido através do conforto térmico e acústico, contribuindo para que os usuários se sintam acolhidos e permaneçam por mais tempo nesses ambientes, nesse quesito o Museu do amanhã tem algumas estratégias interessantes. Para trazer o conforto térmico, o arquiteto Santiago Calatrava utilizou espelhos d'água em volta do museu que ajuda a reduzir as temperaturas, deixando o clima agradável. Com relação à ventilação e iluminação natural, o uso da ventilação cruzada ajuda a manter um ambiente confortável reduzindo o uso de climatização artificial e o projeto utilizou extensas áreas envidraçadas favorecendo a entrada de luz natural (Celere, 2021).

No conforto acústico, Calatrava adotou estratégias pontuais para atender às características do local e às demandas do projeto. Foi realizado o tratamento da reverberação por meio de paredes revestidas com materiais altamente absorventes, capazes de controlar as reflexões sonoras e proporcionar melhor clareza sonora nos ambientes. As fachadas foram dimensionadas para garantir que o nível de ruído externo tivesse mínima interferência no interior, garantindo níveis adequados de conforto acústico nesses ambientes. Além disso, foram aplicados forros e revestimentos acústicos nos espaços de exposição e circulação, contribuindo para a redução da reverberação e do ruído de fundo. Essas soluções permitiram que o Museu do Amanhã oferecesse diversas experiências simultâneas sem interferências sonoras, criando condições ideais para a realização de exposições interativas, rodas de conversa, oficinas, atividades para crianças e workshops, promovendo uma vivência imersiva e dinâmica para o público (ProAcústica, 2025).

Quando um arquiteto planeja cuidadosamente a composição do espaço físico, criando ambientes que estimulam o uso e os encontros, espaços de transição bem conectados, áreas externas de permanência, auditórios acessíveis e salas multifuncionais, tendem a favorecer a apropriação coletiva e o contato entre diferentes grupos culturais. De acordo Lefebvre (1991), a arquitetura dos centros culturais pode contribuir para a inclusão comunitária ao criar cenários de sociabilidade, de memória coletiva e de diálogo intergeracional. Batista (2020) complementa essa visão ao ressaltar que o espaço inclusivo e confortável não apenas acolhe mas convida à participação ativa, isso é extremamente relevante quando se considera a função social e simbólica dos centros culturais em territórios que buscam fortalecer laços autorais e resgatar tradições, quando aliada à segurança e à acessibilidade, permitindo que os usuários explorem completamente o ambiente e se envolvam nas atividades ofertadas, o que aumenta o impacto cultural e social do espaço.

Os exemplos citados anteriormente evidenciam como algumas estratégias arquitetônicas podem estimular o uso e a permanência da comunidade nesses espaços. No Sesc Pompeia (figura 3a), a articulação entre áreas abertas, passarelas elevadas e espaços de convivência ao ar livre cria um ambiente de circulação fluida que convida à permanência. Já no Itaú Cultural (figura 3b), que possui galerias flexíveis promovendo eventos e exposições temporárias com diversidade alcançando uma maior parte da comunidade e o foyer aberto, conectado diretamente à Avenida Paulista, funcionam como uma extensão do espaço urbano, reforçando seu caráter acolhedor. A Biblioteca Vasconcelos (figura 3c) utiliza passarelas suspensas, plataformas abertas e jardins externos que diversificam experiências, permitindo tanto o estudo individual quanto atividades coletivas.

2153

Figura 3 - Sesc Pompeia, Itaú Cultural e Biblioteca Vasconcelos, respectivamente



Fonte: elaborada pelos autores a partir das fontes, respectivamente: Kok (2013); Itaú (2025); Kalach (2016).

Percebe-se que a configuração espacial dos centros culturais não se restringe apenas ao uso e nas realizações das atividades, mas criar uma relação direta do usuário com o entorno, essa interação do espaço construído com a comunidade potencializa a importância da arquitetura

como mediadora de encontros e experiências, construindo espaços de pertencimento, acessibilidade e interação comunitária. Esses espaços estimulam novas formas de interação, convidando o usuário a permanecer e se apropriar do lugar, reforçando que o papel do arquiteto ultrapassa o desenho físico, e alcança também a dimensão social ao criar cenários que fortalecem laços comunitários e incentivam práticas coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou como a influência da configuração espacial dos centros culturais atuam na interação comunitária e no fortalecimento cultural, reconhecendo que a arquitetura não se restringe ao papel de suporte físico das atividades, mas como mediadora de inclusão, pertencimento e preservação da memória coletiva. A justificativa da pesquisa teve como base a relevância social e urbana dos centros culturais, compreendidos como instrumentos de democratização do acesso à cultura, espaços de convivência e agentes de transformação no contexto das cidades.

O objetivo geral teve como propósito analisar de que maneira a configuração espacial pode estimular o uso, a permanência e a apropriação comunitária dos centros culturais, o que foi alcançado por meio da identificação de estratégias arquitetônicas capazes de favorecer a acessibilidade, a flexibilidade, o conforto ambiental e a integração urbana. Os objetivos específicos igualmente foram atingidos, uma vez que se discutiram os conceitos de cultura e centros culturais. Analisou-se a relação entre a distribuição espacial e a apropriação dos ambientes, qual o papel da arquitetura no fortalecimento da identidade sociocultural, os aspectos de flexibilidade, conforto térmico e acústico observados em exemplos de referência.

No que se refere à metodologia, adotou-se uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório, com abordagem qualitativa e fundamentação bibliográfica. Tal procedimento mostrou-se pertinente para responder ao problema e a revisão de literatura possibilitou a construção de um panorama abrangente e fundamentado, permitindo compreender a arquitetura como agente cultural e social.

Os resultados obtidos demonstraram que a configuração espacial exerce influência decisiva sobre o modo como os centros culturais são apropriados pela comunidade, esses espaços devem ser acessíveis, integrados ao espaço urbano, com áreas de convivência, flexibilidade de usos e adequadas condições de conforto ambiental, favorecendo a permanência dos usuários e fortalecendo vínculos sociais. Essa constatação confirma a importância de projetos

arquitetônicos que dialoguem com a identidade local, respeitem as memórias coletivas e promovam experiências de pertencimento. A principal contribuição desta pesquisa consiste em destacar que a arquitetura cultural, quando sensível às especificidades regionais, representa um instrumento de inclusão e valorização sociocultural, além de elemento fundamental para a construção de cidades mais justas, inclusivas e culturalmente dinâmicas.

Para investigações futuras, recomenda-se a realização de pesquisas empíricas em centros culturais existentes, de forma a avaliar a partir da percepção dos usuários, quais estratégias projetuais efetivamente promovem maior interação e pertencimento. Sugere-se aprofundar a discussão acerca das políticas públicas voltadas ao incentivo da arquitetura cultural e examinar modelos inovadores, sustentáveis e inclusivos de centros culturais, especialmente em cidades médias e pequenas, nas quais esses equipamentos permanecem escassos, mas possuem potencial transformador. Quando os centros culturais são concebidos de forma planejada e sensível ultrapassam a condição de edificações e se consolidam como territórios de memória, identidade e transformação social.

REFERÊNCIAS

1. ARCHDAILY. Biblioteca José Vasconcelos / Taller de Arquitectura X / Alberto Kalach. ArchDaily Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/793909/bibliotecajose-vasconcelos-alberto-kalach>. Acesso em: 13 ago. 2025. 2155
2. ARCHDAILY. Centro Cultural e de Conhecimento KRONA / Mecanoo + CÓDIGO: Arquitetura. ArchDaily Brasil, 2016. Disponível em: https://www.archdaily.cl/cl/793089/centro-cultural-y-del-conocimiento-krona-mecanoo?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 10 ago. 2025.
3. AUDIMA. Itaú Cultural: “A voz humanizada da Audima é importante para a compreensão do que está sendo lido”. Audima, 2021. Disponível em: <https://audima.blog/blog/2021/05/13/itau-cultural-a-voz-humanizada-da-audima-e-importante-para-a-compreensao-do-que-esta-sendo-lido/>. Acesso em: 25 ago. 2025.
4. BARBOSA, Elysson Thiago Gomes. A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, CULTURA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA. Realize Eventos Científicos e Editora Ltda, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/100999>. Acesso em: 26 mar. 2025.
5. BATISTA, Luiz Felipe da Silva. A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA NA CRIAÇÃO DE UM CENTRO CULTURAL, NA CIDADE DE BOM JESUS DO GALHO-MG. Rede de ensino DOCTUM, 2020. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/3514>. Acesso em: 24 mar. 2025.

6. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
7. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
8. BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 fev. 2025.
9. CABRAL, Danielle Miranda; BAHIA, Mirleide Chaar. *ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER DA CIDADE: REALIDADES E POSSIBILIDADES EM BELÉM - PA*. CBCE, 2010. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/3conceno/3conceno/paper/viewFile/4657/2230>. Acesso em: 17 fev. 2025.
10. CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. *CULT – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.
11. CANEDO, Daniele. *DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA*. *CULT – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/DEMOCRATIZACAODACULTURA.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.
12. CARDOSO, Ana Maria P.; NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Projeto de implantação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, BH, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38283>. Acesso em: 19 abr. 2025.
13. CASACOR. *Reforma do Centro Pompidou: o que vai mudar*. CASACOR, 2025. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/pt-BR/noticias/arquitetura/reforma-do-centro-pompidou>. Acesso em: 16 set. 2025.
14. CELERE. *Museu do Amanhã*. Celere, 2021. Disponível em: <https://celere-ce.com.br/grandes-obras/museu-do-amanha/>. Acesso em: 18 ago. 2025.
15. CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. *História*. Centro Cultural São Paulo, 2025. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/historia/>. Acesso em: 9 set. 2025.
16. CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1982.
17. CHOAY, Françoise. *A alegria do patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2001.
18. COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultura, 2008.
19. COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

20. COELHO, Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
21. COSTA, Beatriz Souza. Cultura. Patrimônio Fundamental na Constituição do Ser. 1. ed. VASCO DA GAMA - RJ: Lumen Juris, 2018.
22. DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina. Pesquisa e projeto de espaços públicos: rebatimentos e possibilidades de inclusão da diversidade física no planejamento das cidades. Portal da UFRN, 2005. Disponível em: https://www.projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/278/214%20DUARTE%20_%20COHEN.PDF?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 maio 2025.
23. FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da Pesquisa Científica. Google Scholar, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA4&ots=OSSU4zeng-&sig=2muVGM7HZiKqHN9jS_ZimpxnNc8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true. Acesso em: 27 fev. 2025.
24. FRACALOSSI, Igor. Clássicos da Arquitetura: Centro Georges Pompidou / Renzo Piano + Richard Rogers. ArchDaily Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers>. Acesso em: 20 ago. 2025.
25. FRANCISCO, Marcos António. Homem, cultura e sociedade. Brazilian Journal of Development, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44762/pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025. 2157
26. FREITAS, Elizabeth Ponte de. Centros culturais públicos no Brasil: um estudo comparativo entre o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e o Centro Cultural São Paulo. Repositório Institucional da UFBA, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30276/1/Elizabeth%20Ponte%20\(MONOGRAFIA\)%20Centros%20Culturais%20Publicos%20ono%20Brasil.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30276/1/Elizabeth%20Ponte%20(MONOGRAFIA)%20Centros%20Culturais%20Publicos%20ono%20Brasil.pdf). Acesso em: 17 ago. 2025.
27. GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.
28. GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. SÃO PAULO: ATLAS, 2002.
29. GISLON, Jacinta Milanez. A identidade e a cidade. WordPress, 2016. Disponível em: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2016/10/16/a-identidade-e-a-cidade/>. Acesso em: 12 maio 2025.
30. GONDIM, Linda Maria De Pontes. Espaço Público, requalificação urbana e consumo cultural: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno. O Público e o Privado, 2011. Disponível em:

- <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2553/2196>. Acesso em: 21 ago. 2025.
31. INSTITUTO INHOTIM. Sobre. Inhotim, 2025. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/institucional/sobre/>. Acesso em: 14 ago. 2025.
32. ITAÚ Cultural e um pouco da história do Brasil, aqui em São Paulo! Projeto São Paulo City, 2025. Disponível em: <https://spcity.com.br/itau-cultural-e-um-pouco-da-historia-do-brasil-aqui-em-sao-paulo/>. Acesso em: 04 ago. 2025.
33. LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. São Paulo: Edusp, 1991.
34. LIMA, Fábio. Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Wikimedia Commons, 2013. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centro_Drag%C3%A3o_do_Mar_de_Arte_e_Cultura_\(4\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centro_Drag%C3%A3o_do_Mar_de_Arte_e_Cultura_(4).jpg). Acesso em: 17 set. 2025.
35. LIMA, Irenilda De Souza; SILVA, Ana Paula Gomes da. Desenvolvimento local, comunicação e cultura popular: a revitalização do boi tira-teima do mestre Gercino em Caruaru – Pernambuco. Portal Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1661-3.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.
36. LIMA, Renato De Melo. Habitar no semiárido: Identidade arquitetônica habitacional urbana de Serra Talhada - PE e os princípios bioclimáticos. Faculdade DAMAS, 2022. Disponível em: <https://revistas.faculdaadedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/3019>. Acesso em: 12 maio 2025. 2158
37. LUNARDI, Alexandre. Função social do direito ao lazer nas relações de trabalho. São Paulo: Editora LTr, 2010.
38. LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
39. MAGNUS, Leopoldo. O que significa cultura? Entenda o termo. Genyo, 2024. Disponível em: <https://genyo.com.br/o-que-significa-cultura/>. Acesso em: 03 abr. 2025.
40. MILANESI, Luiz. A casa da invenção. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.
41. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
42. MONDIN, Battista. O Homem, Quem é Ele?: Elementos de Antropologia Filosófica. 5. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
43. NASCIMENTO, Francisco Paulo do. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. Portal UFS, 2016. Disponível em: <https://www.franciscopaulo.com.br/arquivos/Classificando%20a%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

44. NEVES, Renata Ribeiro. Centro Cultural: a cultura à promoção da arquitetura. ISSUU, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/carlacarolina6/docs/centro-cultural-a-cultura-a-promoca>. Acesso em: 16 fev. 2025.
45. OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias Aguiar de. Acessibilidade espacial em centro cultural: estudo de casos. Repositório Institucional da UFSC, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88860>. Acesso em: 19 abr. 2025.
46. OLIVEIRA, José Carlos. Inclusão social pela arte - Os números alarmantes da exclusão. Portal da Câmara dos Deputados, 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/324632-inclusao-social-pela-arte-os-numeros-alarmantes-da-exclusao-0721/>. Acesso em: 16 fev. 2025.
47. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. Sociologia para jovens do século XXI: manual do professor. 4. ed. São Cristóvão - RJ: Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013. v. único, p. 54 - 60. ISBN 978-85-8340-012-7.
48. PREFEITURA DE SÃO PAULO. Centro Cultural São Paulo comemora 30 anos. Prefeitura de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/106582>. Acesso em: 18 set. 2025.
49. PROACÚSTICA. Complexidade arquitetônica influencia projeto de acústica do Museu do Amanhã. Pro Acústica, 2025. Disponível em: <https://www.proacustica.org.br/publicacoes/cases/complexidade-arquitetonica-influencia-projeto-de-acustica-do-museu-do-amanha/>. Acesso em: 02 set. 2025.
50. QUINALHA, Juliana Leite. CENTRO CULTURAL. Repositório Cogna, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/47664/1/Banca%20-%20Juliana.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.
51. RAMOS, Luciene Borges. CENTRO CULTURAL: TERRITÓRIO PRIVILEGIADO DA AÇÃO CULTURAL E INFORMACIONAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. CULT - Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2025.
52. RAMOS, Luciene Borges. O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Repositório Institucional UFMG, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VALA-74QJRP/1/mestrado__luciene_borges_ramos.pdf. Acesso em: 19 abr. 2025.
53. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
54. SANTOS, José Luiz dos. O que é a Cultura. 16. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
55. SANTOS, Taís Durante dos; REICHERT, Bárbara; RECH, Gracielle Rodrigues da Fonseca; TERNUS, Carline. Centros culturais e de convivência em prol da sociedade.

Revista Infinity, v. 7, p. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.uceff.edu.br/infinity/article/view/29/506>. Acesso em: 19 abr. 2025.

56. SECULT CE. Dragão do Mar celebra 26 anos com programação descentralizada e ações de fortalecimento cultural nos territórios. Secult CE, 2025. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2025/04/23/dragao-do-mar-celebra-26-anos-com-programacao-descentralizada-e-acoes-de-fortalecimento-cultural-nos-territorios/>. Acesso em: 17 set. 2025.

57. SILVA, Afrânio. et al. Sociologia em movimento, vol. único – 2 ed. São Paulo: Moderna, 2017, p. 64.

58. SILVA, Amanda Cunha Da. Casa de Cultura do Ceará: A valorização da identidade arquitetônica e cultural cearense. Repositório Institucional Unichristus, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/vanes/Downloads/Amanda%20Cunha%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

59. SILVA, Michel Jairo Vieira da; LOPES, Pricylla Wanna; XAVIER, Sérgio Henrique Verçosa. Acesso a Lazer Nas Cidades do Interior: Uma Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural. ANPTUR, 2009. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/68.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.

60. SUÁREZ, María Belén Fuentes. Intervenção em edificações preexistentes: O projeto de Lina Bo Bardi para o Sesc Fábrica da Pompeia. Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-05092016-141106/publico/mariabelenfuentes1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

2160

61. TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. 1. ed. São Paulo: Expresso Zahar, 1871.

62. VILUTIS, Luana. Cultura e Juventude, a formação dos jovens nos Pontos de Cultura. Repositório USP, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23092009-132908/pt-br.php>. Acesso em: 17 mar. 2025.

63. YAU, Shieh Shueh; FILHO, Gustavo Neves Da Rocha. Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural Jabaquara / Shieh Arquitetos Associados. ArchDaily Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/870322/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-jabaquara-shieh-arquitetos-associados>. Acesso em: 02 ago. 2025.